

LACAN NO CINEMA¹

¹ Material de apoio para disciplina ministrada por Marcus André Vieira na PUC-Rio em 2005.

OS FILMES

Fale com ela

O IDEAL DO EU

Vimos como é o encontro com estranho que nos mobiliza. No entanto, isso só acontece se esse estranho não ficar solto, pois, se não tivesse respaldado por nada conhecido, por nada do Eu, teríamos então puro horror e nada de prazer. Freud ressalta que existe, nas relações pais/mães-filhos/filhas, algo de libidinal. Lacan vai reler isso usando o elo entre horror e prazer: horror sendo aquilo que não faz sentido, que não se encaixa (como por exemplo, um pai desejar sua filha ou uma filha desejar seu pai). Isto que não encaixa e nem está previsto no Outro. Pelo contrário, é justamente em contraprodução ao Outro que esse estranho vai aparecer. O Outro funciona se, em algum lugar, existir alguém que sabe tudo sobre tudo e não tem problema, ou em outros termos, se existir *o ideal do eu*. No lugar do *ideal do eu*, não pode aparecer o estranho, pois um se opõe ao outro.

Entre o *ideal do eu* e o estranho parece existir uma passagem, por assim dizer, secreta, que não aparece no dia a dia normal. Essa passagem vai aparecer durante o trabalho de análise.

A família, como célula básica da matriz, e, operando à sua imagem, oferece conceitos e ideias. As ideias que aparecerem no lugar do *ideal do eu* serão aquelas com as quais não será possível o sujeito se fundir. Trata-se de uma operação lógica: temos por um lado o lugar onde, na matriz, o sujeito se situa. Esse lugar é aquilo que, grosso modo, o define como pessoa. Em seguida temos o *ideal do eu* que é o lugar da matriz onde se almeja chegar. Fica claro que o que surgir neste lugar não pode ser igual àquilo que define a pessoa pois, se assim fosse, não haveria distância entre o *eu* e o *ideal do eu*, entre o que sou e o que gostaria de ser.

O tabu, o proibido da estrutura, ou, o incesto freudiano, é uma construção através à qual entendemos que eu e *ideal do eu* não podem se fundir. O caminho pode de certa forma até ser percorrido, mas somente se for feito de maneira indireta, onde o Outro fornece algo e, no entanto, continua permanecendo distante, com um certo algo a mais. Vemos assim que o Édipo é algo que é constantemente atualizado. A separação entre o eu e o outro é necessária para que se possa viver.

Tomando as históricas como exemplo, o que acabamos de dizer resulta no mesmo em afirmar que um pai maravilhoso não pode se juntar à filha. A filha só poderá então chegar ao pai através da mãe, por exemplo. A mãe deseja o pai, a filha é igual à mãe. Logo, no futuro os homens vão desejá-la como o pai deseja a mãe. A mãe tem que ser aquela que intermédia e não aquela com quem se compete. Somente assim a distância que assegura a não-fundição é garantida. Somente assim pode-se viver.

O pai encarna aquele que sabe o segredo do sucesso, que sabe o caminho, aquele que tem a Chave. A função *ideal do eu* é a que afirma então a existência da Chave. Desse modo, nos referimos a ela para chegarmos ao objeto. Fazendo esse caminho, a cada vez será usada uma chave diferente pois nunca será possível usar a Chave.

Esse modo de se chegar ao objeto, o modo tipicamente masculino, é o modo sem angústia, pois para cada chave sabe-se mais ou menos que porta será aberta. É o acesso fálico por excelência: acredita-se em um 'manual' que vai indicar como e quando chegar ao gozo, próprio e do outro, sem jamais perder o controle, sempre que se quiser. Caminho mapeado.

Benigno, personagem do filme *Fale com ela* de Almodóvar, usa um caminho diferente. Não vemos muito bem, em seu caso, a função paterna operando, nem sabemos qual seria seu ideal do eu. De certo modo, seria como se Benigno não usasse chave. Ele lida com o corpo todo e não com pontos específicos. Assim sendo, seu gozo é menos localizado e, conseqüentemente, menos localizável. No filme isso é mimetizado com todos os cuidados que ele tem com ela e seu corpo, com esse estar entrando dentro do dela e lá se perder, como em uma enorme caverna. Isso seria ter acesso ao objeto total, sem passar pelo ideal do eu .

Embora impossível, parece existir aqueles que aparentam conseguir fazê-lo de modo convincente. Estes esvaziam a função ideal do eu e aumentam a função objeto, o que deslocaliza o gozo. Benigno monta seu circuito do desejo colocando em cena o objeto absoluto, mais do que esse objeto é usualmente colocado. Existe nisso uma certa ilusão e é isso que nos interessa: no fundo, a maneira como gozamos vai estar sempre montada em função de uma certa ilusão, a qual damos o nome de fantasia. Como já vimos, existe uma certa matriz fantasmática que define nosso jeito de desejar. São várias matrizes possíveis. Privilegiar a matriz *falo* e realmente encarnar esse papel costuma ser aquilo que faz o que chamamos de homem. Os homens são aqueles que estão inseridos na função fálica de tal maneira que é a partir daí que eles costumam definir o que é sexo.

Poderíamos nos perguntar se algo da fantasia de Almodóvar não estaria ligando esse gozar com o corpo todo, fantasia na qual a mulher e a mãe teriam e seriam tudo, absolutas e infinitas. Se assim for, vemos então que, sabendo que a fantasia é ilusão, continua sendo necessário encená-la, a fim de realizá-la e a partir daí gozar.

A história verídica sobre a qual Almodóvar teria se baseado - a do enfermeiro que tem relações com o cadáver de uma mulher - marca bem essa ideia de fantasia de objeto absoluto, pois, como Alice, o cadáver é também um objeto completamente passivo, que não pode fazer nada. Essa é aliás outra fantasia masculina básica: a mulher que vai aceitar tudo sem jamais querer algo, sem jamais exigir um comportamento seja ele qual for. É possível pensar como isso pode ser encarnado pela mulher boa, doce, compreensível que não vai exigir nada de seu amante. Uma mulher que não vai exigir nada do homem, vai deixar que ele faça sexo como ele bem entender, de um jeito onde está tudo previsto e bem montado.

O objeto de prazer tem uma ambigüidade fundamental. Ele vai encarnar o estranho, o desconhecido da estrutura, tendo porém um lado conhecido. Ao materializar um pouco desse estranho, esse algo que não saberia nomear, faz com que ele seja desejado. Lacan diria, *o falo é a presença de uma ausência*. Para que se mobilize o desejo é preciso que o objeto do desejo seja o falo. É necessário que ele esteja na função fálica, que ele materializa algo do estranho sem que, no entanto, se saiba o que é. É por exemplo o vampiro que não mostra os dentes e nem o sangue. Este *je ne sais quoi* é que materializa a falta.

A PLURALIDADE FUNDAMENTAL DO DESEJO

Ao abandonar a teoria da sedução, Freud supõe então que algo no funcionamento da psiquê das histéricas precise da elaboração fantasiosa. É preciso que elas fantasiem uma certa relação de transgressão incestuosa com o pai sem realmente fazê-la acontecer. Essa ambiguidade fundamental do objeto que reaparece aqui é que confere à estrutura seu dinamismo.

Em termos da pulsão, vamos dessa ambiguidade que o objeto vai ter sempre um traço qualquer de estranho e um resto bom.

No esquema edípico, o pai é aquele que vem impedir ou interromper a fusão da criança com a mãe. Ele é o furo da matriz ou o nome daquilo que a matriz não deu conta. A mãe, que é outro nome dado a matriz, deixa então de aparecer toda poderosa. A partir daí é possível o aparecimento do sujeito.

O COMPLEXO DE ÉDIPO E O FALO

O complexo de Édipo marca a matriz de uma das formas de funcionamento da estrutura. Em outros termos, a filha não pode ter o pai como amante. Como vimos acima, vai ser necessário percorrer um caminho mais longo onde, a menina se identificando com a mãe, vai poder, por sua vez, ser objeto de desejo de um outro homem, semblante do pai.

Freud afirma que em um primeiro tempo, na relação mãe-filho, a criança não existe. Ela é simplesmente uma extensão da mãe. Como ocorre então o processo de individuação onde a criança poderá ser alguém, poderá desejar? Primeiramente, ela vai buscar nos objetos do mundo e os separa entre bons e maus. É o que Lacan chama de alienação.

O complexo de Édipo Freudiano é usado para marcar o momento em que a criança vai romper um pouco com o Outro e ao mesmo tempo continuar recebendo coisas dele. Se ela romper completamente, a criança ‘deixa de existir’, pois sendo o Outro a matriz, a cultura, é no Outro que tudo se encontra. Teríamos, por exemplo, o que costumamos chamar de autismo, ou seja, alguém ‘fora do mundo’, ou então um certo menino selvagem, menino lobo sem Walt Disney, condenado a morrer em alguns dias. Temos então, como elemento que rompe, o pai. Este entra em cena dizendo à mãe que ela não vai poder ficar eternamente constituindo um com seu produto. Ele vem barrar a mãe. É o que, segundo Lacan, é o mais importante dessa operação: que essa irrupção do pai, entre a mãe e seu filho, sinalize para todos que à mãe também lhe falta algo que nem mesmo seu filho pode completar. Se assim fosse, a mãe não precisaria nem de pai, nem de nada. É neste momento então que a criança ‘se pergunta’, primeiramente, se ela é de fato o que falta à mãe e, em seguida, após o aparecimento da figura paterna, se este tem o que completa a mãe, a ele e ao mundo.

É relevante nos perguntarmos como e porque, segundo Lacan, passamos da questão do *ser* para a questão do *ter*. Ele nos diz que quando se é o que completa o Outro, não espaço para outro questionamento. Quando surge a dúvida sobre esse ser, quando surge a evidência de que a mãe deseja algo diferente da criança, surge também a

evidência da incompletude do Outro. Essa coisa que a criança se pergunta se ela possui, que completa a mãe, o Outro, que o pai parece ter, essa coisa que nada mais é do que uma suposição, é então o que chamamos de falo. E, é porque se trata sempre de uma *suposição* não identificada à coisa que não se pode dizer que o pai *é* o falo, mas que o pai *tem* o falo. Em outros termos, o falo é sempre aquilo que completaria e não aquilo que de fato a completa.

A construção freudiana do Édipo visa explicar como é possível sermos movidos pela busca de um objeto absoluto que não existe e como é essa interminável busca se torna justamente aquilo que faz circular o desejo e que, logo, nos permite existir. A completude pré-edípica é uma *suposição*. Todos nós somos a soma daquilo que apresentamos ser mais o falo, ou seja, aquilo que nos completaria. Isso garante que não sejamos completamente alienados e definidos pela matriz na qual, em uma dada situação, estamos inseridos.

BENIGNO

Tal como o pequeno Hans, o personagem Benigno, é um exemplo de caso em que o sujeito não conseguiu encarnar em alguém aquilo que falta à mãe, onde a suposição do falo no outro já ocorreu, mas, no entanto, não foi possível abrir mão dessa mãe incompleta.

Existe então uma certa saída do Édipo que *Fale com ela* desenha muito bem, e que é mimetizada mais especificamente nas cenas do filme.

Uma determinada fase do Édipo marca algo que todos vivemos. Assim sendo, alguns sujeitos têm seu desejo montado sobre uma cena específica relativa ao que estamos chamando de uma das etapas do Édipo (cena esta que pode ser, por exemplo, na cama com a mãe quando se era muito pequeno.)

Quem teve ‘um pai’ e logo teve que sair e buscar o objeto fora da cama da mãe, no mundo, tem um certo modo próprio de desejar. A própria mãe é quem deve indicar à criança que seu objeto de desejo está em outro lugar, que seu filho não a completa. Isso que significa dar limite. Quem não teve em algum momento que sair do quarto, quem não teve ‘pai’ para de algum modo fazer com que a mãe se mostre como ser de desejo, este terá outro modo de desejar. Cada um de nós faz essa matriz funcionar de um modo particular, tendo de um modo para outros enormes variações. Alguns a farão funcionar de um modo que se assemelhe mais a forma típica de rotação da matriz outros não.

Quando uma mãe aparecer como alguém a quem lhe falta algo, aparece o falo como aquilo que a ela faltaria. Quando este aparecer como tal, é possível identificar nesse papel, o ideal do eu. Esse alguém vai ter aquilo que falta ao outro dele para o completar. Chamamos isso de Outro. É também esse o lugar do ideal do eu.

A mãe, no primeiro tempo do Édipo, é um Outro todo poderoso da indiferenciação. Ao sinalizar que algo lhe falta, a criança vai poder construir um Outro que não aquele da fusão. A mãe passa então a ser um Outro a partir do qual o sujeito vai buscar algo. Nas palavras de Lacan, *um tesouro do significante*. É agora então que o sistema vai poder começar a rodar. A partir de agora o falo sempre estará mais além, pois nunca outro algum terá tudo aquilo que o sujeito precisa.

É possível dizer, simplificando, que Benigno estaria fixado no segundo tempo do Édipo, pois quando era para a função paterna aparecer e desfazer sua fusão com a mãe, algo aconteceu que o pai não pôde comparecer. É neste ponto que o filme de Almodóvar é rico. Apesar de ser possível dizer que Benigno ficou preso no segundo tempo do Édipo, não existe no filme nenhuma diferença entre ele e os demais. Ele parece ser (e de certa forma é) tão comum quanto qualquer outro. E, embora no filme o estupro de fato ocorra, seria possível afirmar que aquilo nada mais fosse do que uma fantasia. Poderia muito bem se tratar do relato de um sonho de alguém em análise. Neste sentido, Benigno nos ensina sobre o que é um primeiro objeto do desejo indiferenciado, sobre o primeiro e o segundo tempo do Édipo, sobre uma saída do Édipo atípica sem, porém, jamais aparecer como um monstro depravado e violento. Pelo contrário, ele aparece como alguém com quem é possível nos identificarmos, simpático e gentil.

Ao personagem de Benigno podemos contrapor agora o personagem do repórter argentino Marcos. Este seria o heterossexual padrão, maduro e bem resolvido que se apaixona por uma toureira, uma mulher que se apresenta como mais poderosa do que o touro, um ser estranho. Por sua vez, voltando a ele, Benigno seria um ser fixado no pré-édipo, sem muita sexualidade, meio andrógono e mantendo um relacionamento com um objeto que tudo tem, a vida como a morte (ou seja, em coma). No fim do filme nenhum dos dois fica com seu objeto de desejo. Um morre e outro tem a morte que se interpõe entre ele e o seu objeto. O que isso tudo nos diz é que o objeto total nunca é alcançado, seja qual for a nossa posição diante do desejo do Outro.